

Dança
5, 6 de dezembro 2014

Território

de Joana Providência

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Direção Joana Providência **Coprodução** ACE Teatro do Bolhão, Comédias do Minho, Culturgest **Intérpretes/cocriadores** Joana Castro (bailarina), João Vladimiro (bailarino), Luís Filipe Silva (ator), Mónica Tavares (atriz), Paulo Mota (bailarino), Sara Dal Corso (bailarina), Tânia Almeida (atriz) **Espaço cénico** Cristóvão Neto **Figurinos** Lola Sousa **Desenho de luz** Vasco Ferreira **Desenho de som** Carlos Reis, Luís Aly **Design gráfico** Bernardo Providência **Produção Teatro do Bolhão** Glória Cheio **Direção técnica** Pedro Vieira de Carvalho **Coordenação técnica** Cárin Geada **Montagem e operação de som** Fábio Ferreira **Execução de guarda-roupa** Glória Costa **Apoio voz** Maria do Céu Ribeiro **Agradecimentos** Alberto Carneiro, Catarina Rosendo, Irene Ferreira, Magda Henriques

Na sexta-feira dia 5, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Sex 5, sáb 6 de dezembro
21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h05 · M12

Fomos atraídos para a obra de Alberto Carneiro mergulhando na ancestral essência da natureza, à qual pertencemos.

Percorremos lugares, recordamos paisagens e territórios inscritos e mapeados no corpo e no gesto.

Apropriamo-nos das matérias e lançamo-nos na descoberta de relações que transformam e transportam esse enorme corpo formado pelos sete intérpretes.

Evocamos os quatro elementos, respiramos em uníssono e encontramos um sentido para este “meu corpo enquanto projeção universal que ultrapassa os limites do terreno.” (A. Carneiro)
Descobrimos texturas e geometrias de movimento que nos falam de uma clareira de bétulas.

Construímos paisagens de corpos que se debatem num diálogo sem fim.

Fomos arrastados pela organicidade do movimento que habita o interior de cada um e percebemos como esse pulsar é um estímulo gerador de movimento entre corpos.

Entendemos que “esta linha que percorre as memórias dos nossos tempos vivos é uma obra de arte” (A. Carneiro)

Conquistamos estas memórias, matéria de lugares, cheiros, rumores e gestos do passado, e tateamos as linhas e inquietações do corpo como cartografia de territórios.

Joana Providência

Uma nuvem, uma árvore, uma flor, um punhado de terra situam-se no mesmo plano estético em que nós nos movemos, são parte integrante do nosso mundo, são um manancial de sensações vindas de todos os tempos, através de uma memória que tem a idade do homem. Não a pedra pelo seu lado externo, pela conversão dos seus valores formais, mas pela qualidade do seu íntimo, pelo cosmos que está nela e o qual nos é dado possuir na simplicidade em que a coisa vive.

Alberto Carneiro in *Notas Para Um Manifesto De Uma Arte Ecológica* (Originalmente publicado em *Revista de Artes Plásticas* [Porto] n.º1, outubro de 1973, p. 6).

Árvores para o caminho

Avança-se pelo mundo de Alberto Carneiro como por uma floresta. Às escuras, tropeçando em árvores, até aparecer uma clareira e o céu explodir na luz desgovernada de uma manhã de Inverno – bom dia, epifania.

Ou pelo menos é assim que imaginamos Joana Providência a avançar pelo mundo de Alberto Carneiro agora que o transformou numa peça para quatro bailarinos, três actores, umas quantas árvores e muita terra (...). É um mundo primordial, e radicalmente anterior às palavras, em que a luz se desfaz em trovada, o céu se desfaz em chuva, o mar se desfaz em espuma, o som se desfaz em neve, a pedra se desfaz em terra e a madeira se desfaz em serrim, se não arder antes. Mas em que haverá sempre árvores no caminho. Não se desfazem nunca.

Tal como Alberto Carneiro, este espectáculo teria sido outro na ausência de uma relação directa com esse mundo (“Se tivesse nascido na cidade, se tivesse vivido a minha primeira infância na cidade, a minha obra não seria o que é. Nem eu, provavelmente, me teria encontrado com este mundo. Sendo a mesma pessoa, fisicamente, o mesmo nariz, as mesmas orelhas, não seria o mesmo. A minha sensibilidade foi construída numa relação directa com essas coisas. Aprendendo a amar essas coisas. E não as dispensando”, explicou o escultor numa entrevista à revista 2, em Junho do ano passado, recordando os intransponíveis 20 quilómetros que noutro país, o Portugal dos anos 40,

separavam a sua aldeia, São Mamede do Coronado, do Porto).

Para ele, houve um antes e um depois de uma certa cerejeira “frondosa, que dava frutos maravilhosos”, a única árvore de todo o quintal (“Anos mais tarde, o meu pai decidiu cortá-la, já eu era adulto. Transformei-a numa escultura”). Para Joana Providência, também há um antes e um depois de um certo passeio pela floresta do Corno do Bico, em Paredes de Coura, um antes e um depois de “uma lindíssima clareira de bétulas” onde a coreógrafa pediu aos intérpretes de *Território* que se deixassem reconfigurar pela paisagem e fossem até onde ela os levasse (às vezes ofuscados pela luz, outras vezes perdidos na escuridão): “Há sequências do espectáculo que resultam de memórias – físicas, sobretudo – dessa experiência no Corno do Bico. Mas também trabalhamos muito a partir de outras experiências que os intérpretes foram buscar – embora curiosamente os mais novos tenham menos memórias, menos impressões de experiências tidas na natureza.”

Abstracção

Em parte, o contacto com a obra de Alberto Carneiro – uma obra em que a vida se confunde com a arte e arte se confunde com a vida, tal como fixava, para memória futura, o título da sua última grande exposição no Museu de Serralves, *Arte Vida/Vida Arte* – preencheu esses buracos negros. “Fomos visitá-lo ao atelier, onde pudemos estar muito perto das peças, no sentido mais material do termo, e fazer-lhe algumas



perguntas. Mas sobretudo pudemos ouvi-lo falar do modo como foi avançando e encontrando um discurso sobre o mundo, um discurso muito nobre no respeito pelo lugar de todas as coisas. O que mais me impressionou nesta aproximação à obra do Alberto Carneiro foi constatar que por trás dela está verdadeiramente uma postura perante a vida”, diz a coreógrafa, que antes de Alberto Carneiro já tinha sido visita de Paula Rego (*Mão na Boca*, 2004) e de Graça Morais (*Terra Quente, Terra Fria*, 2011). Nada a ver, explica: onde ali havia personagens, histórias e até políticas concretas, infinitas possibilidades de “era uma vez”, aqui há apenas a natureza no que tem de mais material, mas também de mais intangível. “Os corpos da Paula Rego têm narrativas. As mulheres transmontanas da Graça Morais também. Os corpos do Alberto Carneiro... São as árvores, são as pedras – há essa coisa de os reduzir à essência, a uma matéria universal. É uma obra com muitas zonas de abstracção, o que nos levou a uma peça com muitas zonas de abstracção também, embora o facto de o Alberto Carneiro escrever muito sobre o que faz nos tenha dado pistas valiosas”, continua.

Nalguns casos, claro, a simples inscrição de sete pessoas num palco transforma-o num ser vivo; noutros, são os elementos da natureza para ali transpostos (árvores, pedras, terra, canas de bambu) que fazem os intérpretes mover-se (o tronco que tanto avança como recua em direcção ao casal deitado, a árvore que tanto paira como se abate sobre uma mulher, o bambu

que tanto cresce como diminui de tamanho em função do tamanho do mundo): “A relação que eles estabelecem com esses elementos organiza e dá um sentido ao movimento. Mas também acontece o contrário, quando são as pulsações daqueles corpos, considerados individualmente ou tomados como colectivo, que funcionam como motor do movimento. Lá está: não são corpos quaisquer, são corpos em que se depositaram resíduos e memórias dos lugares, das matérias. Às vezes esquecemo-nos, mas é da natureza que vimos todos.” (...)

Inês Nadais in “Ípsilon”, *Público*, 17/10/2014. Inês Nadais escreve de acordo com a antiga ortografia.



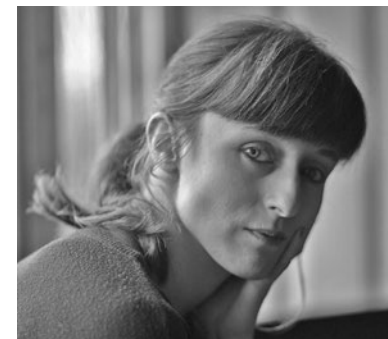
Joana Providência

Joana Providência (Braga, 1965) iniciou os seus estudos em dança com Fernanda Canossa. Em 1989 terminou o curso da Escola Superior de Dança do IPL. Integra desde 1995 a Academia Contemporânea do Espetáculo na qualidade de docente responsável pelo departamento de movimento do curso de Interpretação. Integra a companhia de teatro promovida por aquela entidade, a ACE – Teatro do Bolhão, sendo membro da sua direcção artística. No seu trabalho coreográfico, Joana Providência tem desenvolvido uma linguagem pessoal de composição, onde privilegia a relação intérprete/coreógrafo. A matriz do seu processo criativo baseia-se num diálogo construído a partir da apresentação de uma série de propostas para as quais os intérpretes desenvolvem respostas. O uso da palavra (o texto é um dos pontos de partida), a utilização da obra de Artistas Plásticos (como motor para a construção) são

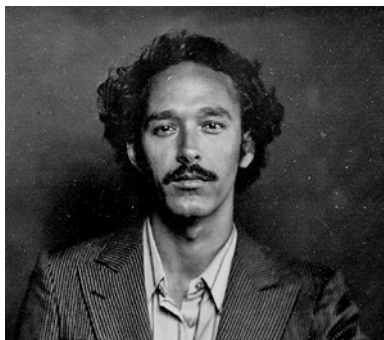
elementos estruturantes no seu trabalho. Como coreógrafa tem desenvolvido diversos projetos dos quais destaca *Terra Quente, Terra Fria*, a partir da obra de Graça Morais, coprodução ACE – Teatro do Bolhão / Teatro Municipal de Bragança, *Ladrões de Almas*, coprodução ACE – Teatro do Bolhão / Culturgest, *mão na boca*, coprodução ACE – Teatro do Bolhão / Fundação de Serralves, a partir da obra de Paula Rego, e *Mecanismos*, espetáculo que lhe valeu o Sete de Ouro – Prémio Revelação. Participou em diversos festivais como: New Moves, Glasgow (Escócia), Festival de Otoño (Madrid), Spring Dance (Holanda), Klapstuck (Bélgica), Tanzplattform (Frankfurt).
joanaprovidencia.com
www.ace-tb.com

Joana Castro

Joana Castro (1988, Porto) concluiu o curso em dança no Balletteatro Escola Profissional em 2006, frequentou o curso PEPC (Programa de Estudo,



Pesquisa e Criação Coreográfica) no Fórum Dança em 2008, foi bolseira do Núcleo de Experimentação Coreográfica em 2009 e participou no DanceWeb Scholarship Programme (Festival Impulstanz, em Viena) em 2013. Como *performer* colaborou com Né Barros, Trisha Brown Dance Company em *Early Works*, Ana Borralho e João Galante, Victor Hugo Pontes, Isabel Barros, Joana Providência, entre outros. Desde 2009 que desenvolve o seu próprio trabalho criativo: *Destined for nothing* (2009/10), *Amo-te* (2011) em colaboração com Flávio Rodrigues, *Under Destruction* (2012/13), *Let it go, Lo* (2013), *Perto... tanto quanto possível* (2014), entre outras obras apresentadas em festivais em Portugal, Bélgica e Itália.



João Vladimiro

João Vladimiro (1981, Porto) tem a sorte e de se divertir na vida entre os campos do cinema e da dança. Deram-lhe alguns prémios por isso. A sua última grande

conquista, além de se casar, é saber fazer fogo. A próxima? Saber fazer uma casa!



Luís Filipe Silva

Luís Filipe Silva cursou diversos *workshops* de atores entre eles a Oficinas NBP e Mímica na Karnart, onde trabalhou com Mara Manzan, Maria Henrique, André Maia e Fauze El Kadre e Cucha Carvalheiro, entre outros. Participou em diversas produções televisivas como *Fúria de Viver*, *Ana e os Sete*, *Olá Portugal* e *A Família Galaró*. Em teatro colaborou com o Bando. Integra o elenco fixo das Comédias do Minho desde 2006.

Mónica Tavares

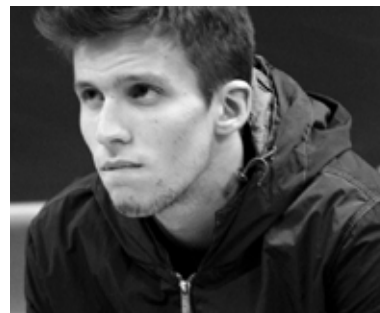
Mónica Tavares é licenciada em Teatro e Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra (2004). Em 1999 ingressou no curso Construção do Espetáculo, orientado por António Mercado, com quem iniciou formação



teatral. Para além de António Mercado trabalhou com Fernando Mora Ramos, Paulo Pereira e Clóvis Levi, entre outros. Integra o elenco fixo das Comédias do Minho desde 2004.

Paulo Mota

Paulo Mota (Porto, 1991) concluiu o curso de Interpretação da Academia Contemporânea do Espetáculo em 2010. Desde então, foi dirigido por Joana Providência (*Menina do Mar*, *Terra Quente Terra Fria* e *Opostos Bem-Dispostos*), António Júlio (*Felizmente*



há luar!), André Braga e Madalena Victorino (*ARRAIAL*), Madalena Victorino (*A Lã e a Neve*), André Braga e Cláudia Figueiredo (*Estufas e Horas*), Victor Hugo Pontes (*Zoo*) e Ana Luena (*O Filho de Mil Homens*).

Sara Del Corso

Sara Del Corso doutorada na Faculdade de História da Dança e Teatro da Universidade de Bolonha (2011), trabalha como bailarina, coreógrafa e assistente artística desde 2006. Trabalhou



com Romeo Castellucci / Societas Raffaello Sanzio (2008-2010) e com Virgilio Sieni (2011-2013), entre outros. Morou em Berlim por dois anos (2011-2013), desenvolvendo projetos com Renate Graziadei (bailarina e assistente de Sasha Waltz). Em junho de 2013 apresentou o primeiro solo na Biennale Danza de Venezia. Mora em Lisboa desde março de 2013 e trabalhou em Portugal com Vera Mantero, Vânia Rovisco e Joana Providência.



Tânia Almeida

Tânia Almeida é Bacharel em Formação de Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC). Durante a sua formação trabalhou com diversos encenadores, entre eles Francisco Salgado, Fernando Gomes, Carlos Pessoa e Rogério de Carvalho. Integra o elenco fixo das Comédias do Minho desde 2006.

Próximo espetáculo

Os Olhos de Gulay Cabbar

de Olga Roriz

Dança Sex 12, sáb 13, dom 14 dezembro
Garagem da Culturgest · 21h30 (dom 17h)
Duração: 50 min · M12



© Marina Vieira da Silva

Direção, texto e voz off Olga Roriz **Interpretação** Marta Lobato Faria **Paisagem sonora** António Viegas **Cenografia** Paulo Reis, Olga Roriz **Figurino** Mariana Sá Nogueira **Desenho de luz** Clemente Cuba **Assistente de ensaios e dramaturgia** Paulo Reis **Assistente de cenografia e figurinos** Maria Ribeiro **Direção técnica** Daniel Varela **Imagens de arquivo** SIC **Seleção de imagens e alinhamento** Olga Roriz, Paulo Reis **Edição** José Bruno Parrinha – SIC
A Companhia Olga Roriz é apoiada pelo Governo de Portugal, Secretário de Estado da Cultura, Direção-Geral das Artes.

O solo *Os Olhos de Gulay Cabbar* teve estreia absoluta no Festival Citemor, em julho de 2000.

Esta apresentação na Culturgest antecede a comemoração dos 40 anos de carreira de Olga Roriz e 20 anos de atividade da Companhia Olga Roriz, que se celebram em 2015, ano em que serão repostas, em várias salas de espetáculo de Lisboa, algumas das suas obras emblemáticas.

...Se eu ao menos pudesse calar-me como se fosse o próprio silêncio. Como se o silêncio soubesse mais do que eu. Não! Preferia morrer de tédio...

Quero silêncio! A distância...
As saudades... Já esqueceste?

Tudo me dói e há tanto tempo. Um monte de dores. Uma lixeira...
...Amo-te... Amo-te desde que te vi pela primeira vez. Não pude evitar. O amor nasce assim. Às vezes, só num olhar. Não se pode resistir à felicidade...

...A mim, nunca me contaram nada. Por isso, eu calei-me. Calei-me até sentir essa pancada na nuca que me fez vomitar...

...Nem um vislumbre de idealismo. Partilhar já não serve de nada. Vocês, são-me completamente indiferentes!...

...Estamos a morrer, não estamos? Mas se temos de morrer, que seja depressa!...

Olga Roriz, 2000

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiários:

Ana Pessoa

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Cena

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Mariana Frazão

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

